

XXI COLÓQUIO AFIRSE – EDUCAÇÃO, ECONOMIA E TERRITÓRIO

O papel da educação no desenvolvimento | 30 e 31 de janeiro e 1 de fevereiro 2014

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

[31 de janeiro 2014, 8,30h–10,30h, ateliês 3, A7, eixo A, sala 3]

EIXO TEMÁTICO: A – EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO: projeto educativo local

ID:251

O IPL e a casa-museu Afonso Lopes Vieira

Cristina Nobre

cnobre@ipleiria.pt | IPL

RESUMO: O Instituto Politécnico de Leiria desenvolveu o projeto de investigação CLL - *Criação de um Lugar Literário*, de novembro de 2010 a novembro de 2011, coordenado por Cristina Nobre. O estudo das coleções da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira (inaugurada em Julho de 2005) pretendeu dar continuidade a um conjunto de atividades com vista à implementação de um projeto museológico e musealização da Casa, promovendo parcerias entre a instituição de ensino superior (IPL), com investigadores especialistas nas áreas da educação, literatura e museologia, e a Câmara Municipal da Marinha Grande, responsável por um plano de requalificação museológica da Casa-Museu ALV, no âmbito do QREN, desenvolvido durante os anos de 2009 e 2010. Assim, este projeto visou o estudo aprofundado do recheio da Casa-Museu, desde os livros ao mobiliário, passando pelas pinturas, esculturas e diversos objetos artesanais da casa, com especial enfoque para a varanda, entendido como *lugar privilegiado* da criação literária. O inventário seguiu os critérios vigentes no Instituto de Museus, teve a colaboração de uma bolsista, tendo sido identificados, categorizados, devidamente catalogados e descritos cerca de 900 objetos do espólio da Casa-Museu. Resultou o volume de Cristina Nobre (2013) *Lugar Literário. Inventário da casa-Museu Afonso Lopes Vieira*, que funciona como único catálogo disponível à comunidade visitante, convite e repositório de abertura para os estudos futuros que podem ser acolhidos no sítio www.afonsolopesvieira.ipleiria.pt, contribuindo para o desenvolvimento do IPL e da comunidade educativa local.

PALAVRAS-CHAVE: Afonso Lopes Vieira; casa-museu; espólio; educação e comunidade

RESUMÉE: L' Instituto Politécnico de Leiria a développé le projet de recherche CLL - *Criação de um Lugar Literário*, de novembre 2010 à novembre 2011, avec la coordination de Cristina Nobre. L'étude des collections de la Casa-Museu Afonso Lopes Vieira (née en Juillet 2005) a eu l'intention de (OBJECTIF DE LA RECHERCHE) développer un ensemble d' activités d' implementation d' un projet museologique et de naissance d' un musée dans la Maison, avec l'établissement de partenaires: l' institution d' enseignement supérieur (IPL), spécialistes de recherche sur le domaine de l' éducation, littérature et muséologie, et la Chambre de la Ville de Marinha Grande, responsable d' un plan de requalification en tant que musée de la Casa-Museu ALV, accueillie au QREN, développé pendant les années 2009 et 2010. En fait, le projet a eu comme but (METHODOLOGIE) l' étude approfondi de la garniture de la Casa-Museu, dès les livres jusqu' au mobilier, en passant parmi les peintures, sculptures et divers objets d' artisanat de la maison, entendant le balcon comme réseau nucléaire, entendu comme lieu privilégié de la création littéraire. L' inventaire a suivi les critères (TABLEAU THEORIQUE) de l' Institut de Musées portugais, a eu la collaboration d' une spécialiste d' archives muséologiques, identifiant par des catégories, catalogant et décrivant un total de 900 objets de l' archive de la Casa-Museu. Comme résultat, nous avons l'oeuvre de Cristina Nobre (2013) *Lugar Literário. Inventário da casa-Museu Afonso Lopes Vieira*, jusqu' à maintenant le seul catalogue disponible (EDUCATION /DEVELOPPEMENT) à la communauté des visiteurs, invitation et archive d' ouverture pour les études à devenir accueillies au réseau www.afonsolopesvieira.ipleiria.pt, comme support du développement de l' IPL et de la communauté d' éducation local.

MOTS-CLÉ: Afonso Lopes Vieira; maison d'écrivain; archive muséologique; éducation et communauté

TEXTO COMPLETO: (29 677 caracteres)

OBJETIVOS, ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLOGIA

O projeto de investigação e estudo das coleções da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira [CMALV] pretendeu dar continuidade a um conjunto de atividades com vista à implementação de um projeto museológico e musealização da Casa, promovendo partilhas e colaborações entre a instituição de ensino superior, Instituto Politécnico de Leiria [IPL], com investigadores especialistas nas áreas da educação, literatura e museologia, e a Câmara Municipal da Marinha Grande, responsável por um plano de requalificação museológica da CMALV, inicialmente desenvolvido no âmbito do QREN, durante os anos de 2009 e 2010.

Tendo a coordenadora e o consultor científico deste projeto participado em anterior trabalho de investigação sobre as Artes Decorativas da Casa - nomeadamente a Cerâmica de revestimento, com os azulejos e algumas cantarias, em 2008/2009, de que resultaram os painéis identificativos e informativos disponibilizados ao público visitante, no local, bem como o despoletar de um inventário de cariz museológico e um Roteiro, intitulado *Casa-Museu Afonso Lopes Vieira - Lugar Literário. Onde a terra se acaba e o mar começa* (ed. C. M. M^a. Grande, cofinanc. Mais Centro, QREN, FEDER, Setembro de 2010, embora só apresentado ao público em 18 de junho de 2011), que ajudou a investigação, ao partilhar com o público o estudo do nosso património cultural – importava delimitar categorias de inventariação que, satisfazendo os requisitos científicos do IMC [Instituto dos Museus e Conservação], mostrasse a especificidade da figura de Afonso Lopes Vieira, que cruzou toda a cultura e visão artística do seu país com a literatura, sobretudo a poesia que o estetizou para lá do seu tempo de vida.

Embora reconhecendo a dificuldade de categorizar estrita e objetivamente uma casa cuja alma foi a poesia e o conceito de Portugal como o país marítimo onde a terra se finaliza, foi delimitado um *corpus* de trabalho que dá conta de uma parte substancial das peças da Casa, o acervo da CMALV, prestando-se a uma posterior continuação do inventário assim iniciado.

O projeto de investigação do Centro de Investigação Identidade(s) e Diversidades(s) [CIID / INDEA], que decorreu entre novembro de 2010 e novembro de 2011 – **CLL: Criação de um lugar literário – a Casa-Museu Afonso Lopes Vieira em S. Pedro de Moel** – visou o estudo do acervo da Casa-Museu, desde o espólio documental ao mobiliário, passando pelas pinturas, desenhos, gravuras, esculturas, têxteis, fotografias e diversos instrumentos científicos, metais, equipamentos e utensílios, chegando ao espólio de malacologia da Casa, com especial enfoque para a varanda, entendida como *lugar privilegiado* da criação literária. Por se considerar uma área de estudo com características próprias e para lá das possibilidades concretas do projeto, excluiu-se deliberadamente o estudo da Capela da Casa.

Numa primeira fase de trabalho, longa e demorada, tratou-se de delimitar e classificar campos de trabalho, delimitando o *corpus* constituído como objeto de estudo, o inventário das coleções da CMALV. Seguiu-se a descrição científica do conjunto assim identificado, segundo as normas vigentes de catalogação museológica (designadamente com o preenchimento da ficha de inventário normalizada, designada por Matriz, de acordo com o que o IMC determina nas *Normas* vindas a público desde 2000).

Do *corpus* tratado foi selecionado o conjunto ilustrativo a integrar o protótipo de inventário da CMALV, bem como os problemas colocados, “Casa como lugar literário”, e do qual se deu conta na apresentação pública do projeto realizada na ESECS | IPL, em 3 de novembro de 2011, no Seminário *INVENTARIAÇÃO DE ACERVOS MUSEOLÓGICOS. Criação de um Lugar Literário – a Casa-Museu Afonso Lopes Vieira em S. Pedro de Moel* (consulta em www.afonsolopesvieira.ipleiria.pt).

Os estudos resultantes foram reunidos no livro *LUGAR LITERÁRIO. Inventário do espólio da casa-Museu Afonso Lopes Vieira* (2013), constituído por 4 partes interligadas: I - O lugar da CMALV na literatura, na memória, na cultura de Portugal e do mundo; II - Edificar o lugar literário; III - Ler o lugar literário; IV – Entrevistar memórias no lugar literário. O produto final, fruto do estudo museológico do acervo da CMALV, poderá vir a ser disponibilizado como Catálogo - inventário *on-line* das coleções existentes, i.e., de bens culturais deste núcleo museológico, abrindo o caminho à delimitação de vários projetos culturais na área do *lugar literário*. O caminho está longe de estar desvendado; antes abre as portas a futuros estudos.

DIFICULDADES NO PERCURSO

Incrustada na paisagem marítima e na tradição familiar de Lopes Vieira, a casa nau adquire foros de objeto estético permeável ao envolvimento afetivo do seu proprietário. Pelos anos fora esta casa cumpriu os papéis de local privilegiado onde a criação artística do poeta se desenvolveu harmoniosamente, e de centro de confluência de importantes personalidades da cultura portuguesa de então, até se transformar, por vontade testamentária do proprietário (doação por sua morte ou morte da esposa), em colónia balnear infantil para os filhos dos operários vidreiros e trabalhadores das Matas Nacionais, função que ainda hoje mantém. Talvez seja esta a ligação mais forte que o lugar estabeleceu com esse homem-poeta: a partilha de um espaço que sentimos privilegiado pela sua posição estratégica de enseada marítima, propícia ao sonho e ao devaneio, à ilusão de uma perfeição onde os ritmos da vida fossem os ritmos da natureza. E o reconhecimento de um amor por esta terra, fazendo a doação com um testamento da sua ligação para a eternidade a uma (então) pequena vila vidreira.

A casa, como um búzio, acompanha o *ex-libris* petrarquista do poeta — *or piango or canto* — numa simbiose perfeita com o refrão popular tão glosado por Lopes Vieira e Almeida Garrett: *Minha alma é só de Deus / o corpo da água do mar*. Outro elemento iconográfico fundamental para perceber a estesia do escritor é a cruz de Cristo, arvorada numa bandeira que hasteou em S. Pedro de Moel como emblema da cruzada pela nacionalidade, encastrada em azulejos nas sacadas da varanda, reproduzida nalguns dos livros finais e escolhida para cobrir a urna do escritor em 26 de Janeiro de 1946. No excerto escrito para o *Jornal de um Poeta*, em 1905, publicado em 20 de agosto de 1909 no jornal *A Lucta*, de Lisboa¹, percebe-se a importância deste local na estesia do escritor, dando consistência ao conceito de *lugar literário*.

A presença dos espécimes de Pintura e Desenho na Casa de S. Pedro fazem parte de um todo ocluso pela intimidade do Poeta, que procurava a calma da natureza marítima e do refúgio, semelhante a um búzio, para se isolar da cidade e poder dedicar-se ao que verdadeiramente lhe importava: a arte nas suas multifacetadas arestas. Efetivamente, sabemos que a arquitetura

¹ S. Pedro de Muel, 1905 //Chego de Lisboa à praia e à floresta. Que expansão de encanto na minha alma! Logo que estou aqui, o meu verdadeiro ser apossa-se de mim, e tenho a satisfação singular de me começar a sentir, com meus defeitos e virtudes. / Isto está delicioso de solidão e silencio. Não ha ainda a vulgaridade. Com que prazer vesti o meu velho fato e as polainas de couro roçadas do mato! Nós, nas cidades, afogâmos as almas tambem com os nossos colarinhos. Ao genio grego conviria outra vestia que não fosse aquela, ampla e sobria, desembaraçando o ritmo do corpo? / Hontem, à chegada, a propria luz teve para mim encantos de coisa inedita. A primeira surpresa, à sahida das cidades, é o crepusculo. Ha muitos mezes que eu não via anoitecer, e não via estrelas cuja intimidade é discreta e faz scismar. Acabei de arrumar os livros na estante, e notei ainda uma vez como elles adquirem uma personalidade muito mais intensa quando são poucos e estão connosco na *solidão acompanhada*. Assim, na gravura do grande Durer, os quatro livros fechados que S. Jerónimo tem na sua serena cela, onde o leão dormita, nos sugerem mais pensamentos que se o santo trabalhasse n'uma livraria. Ordenei a minha mesa, dependurei as gravuras na parede, e tenho como sempre uma grande pressa de sentir a casa povoada por esse vivo e harmonioso desarrumado, que deve ser a sua calma fisionomia. / Só o mar, por emquanto, me inquieta, porque o oiço sempre... E a sua musica perturba-me como se eu habitasse dentro de um buzio. (*apud* Nobre 2005 II: 386)

interior das casas, bem como a utilização da arte decorativa nas várias divisões foi uma das temáticas que o motivou.

Lopes Vieira rodeou-se de algumas pinturas e desenhos na sala que lhe serviu como escritório, e onde esboçou uma grande parte das suas obras, quer as de poesia, quer as adaptações em prosa, refletiu nos ensaios e nas intervenções a favor da cultura portuguesa, uma vez que se definia como um “soldado” de *campanhas culturais*. De pequena dimensão, estas pinturas e desenho têm atravessado o último meio século como objetos anónimos, ensombrados (ou escondidos na penumbra do anonimato?) pela falta de uma identificação clara que mostre objetivamente o seu valor como elementos patrimoniais e memoriais originais. Nas seis pinturas e no desenho inventariados, encontramos temas que o *búzio*, que foi esta Casa para o Poeta durante a sua vida, continuará a ecoar pelo tempo fora: o mar, o povo, a velhice, o sofrimento. Leiam-se os comentários interpretativos individuais a cada um dos espécimes referidos e ganhe-se uma visão histórica e literária da sua incorporação neste *lugar literário* (vide Nobre 2013).

As peças de Têxteis evidenciam o tipo de escolhas naturais e artesanais preferidas para o seu lar. A escolha de materiais pouco apreciados até à altura da seleção feita pelo escritor – alguns, considerados muito populares e fora do uso das classes mais abastadas; outros, de uso exclusivo para funcionalidades pragmáticas, como as coberturas das camas ou das mesas, renascidos com uma utilização decorativa transmissora de uma posição diferente na hierarquia social dos materiais decorativos do lar - faz de Afonso Lopes Vieira um inovador. Homem de uma grande sensibilidade, eclético homem de cultura, não menosprezou a possibilidade que os têxteis lhe davam de poder transmitir o seu gosto e orgulho pelos materiais mais pobres e populares, elevando-os, na sua casa, a um estatuto senhorial (Pereira 2010: 13).

Uma atitude destas seria assombrosa nos primórdios do século XX português, e o estudante de Coimbra impusera uma bicicleta no seu quarto de estudante, ao lado das vulgares bilhas de barro, como peça de ornamentação fundamental². Dir-se-ia que as peças têxteis se tornaram mais um dos seus textos literários, ou palavras de um poema de outra dimensão entregue ao quotidiano, transformando o seu lar no desejado *ninho de artistas*. E a natureza, a vida, os gostos e as criações populares do quotidiano podem e devem ser entendidas como arte. Saber que mobiliário escolheu Lopes Vieira para o seu espaço amado e como projetou nele a sua ideologia e o seu desejo de o transformar num *ninho de artistas*, ajuda-nos a perceber como todas as peças selecionadas por ele pertencem ao *puzzle* mais complexo do *lugar literário*, como atualmente o compreendemos.

O interesse pelas gravuras é entendido como uma substituição possível do original. O importante era a simbologia espiritual atribuída à imagem, daí que a gravura fosse uma representação condigna, permitindo ter perto de si as iconografias de mundos historicamente memoráveis e que determinaram a idiossincrasia e identidade dos portugueses e, por alargamento, foram um contributo para a humanidade. As gravuras eram tão importantes quanto os livros, e as referências dadas a público pelo poeta fazem-nos crer que algumas das gravuras, se não todas, seriam transportadas de Lisboa para a casa nau durante o veraneio³.

Os livros e as revistas são o material do espólio documental que mais ilações nos pode fazer tirar sobre este *lugar literário* e como o Poeta se nutria dele para encontrar o seu próprio espaço de criação. A importância atribuída pelo escritor a este material fez com que registasse num manuscrito, os títulos dos livros que selecionou para levar na época de veraneio, em maio de

² Veja-se a fotografia referida (Nobre 2007: 42), datada como sendo de 1900, e perceber-se-á como esta era uma idiossincrasia do jovem Afonso que foi cultivando durante toda a sua vida.

³ [...] Ordenei a minha mesa, dependurei as gravuras na parede, e tenho como sempre uma grande pressa de sentir a casa povoada por esse vivo e harmonioso desarrumado, que deve ser a sua calma fisionomia. [...] (apud Nobre 2005 II: 386)

1907, para a biblioteca da Casa de S. Pedro⁴. De certo modo, a anotação constitui um inventário feito pelo poeta, mas é impossível comprovar quais dos livros pertenciam ao acervo em 1947.

É notório o gosto por um certo colecionismo e as coleções surpreendem por espelhar o diversificado leque de interesses – desde os conjuntos de escritores clássicos, sobretudo franceses, uma vez que essa era a matriz cultural de grande parte da Europa culta de então, mas também de outras nacionalidades (cf. Nobre 2013: CMALV 298-312), passando por uma surpreendente coleção de livros de dimensões muito pequenas, conhecidos como “miniaturas” (*bibliothèque miniature*) (*idem*: CMALV 235-237; 239-244), e que deve ter feito a delícia das visitas de verão da Casa, a quem alguns dos exemplares foram oferecidos, mas devolvidos à “Biblioteca de S. Pedro” (como o poeta deixou inscrito em autógrafo nalguns dos exemplares), ou terão sido ofertados para nutrirem os convívios sociais na varanda.

Um número considerável de horas do dia do Poeta era dedicado à correspondência, uma atividade obrigatória e prazenteira, dada a larga vivência social e as profundas amizades alimentadas. Mesmo o mobiliário e os utensílios, de que se rodeou, nos confirmam essa dedicação que deu frutos tão largos, embora ainda pouco divulgados (*vide* Nobre 2001, 2003, 2005 II, 2008 II). As doações de Carlos Vieira à CMALV, nos anos de 2008 e 2010, ilustram-no, com postais e cartas para amigos e visitas da casa nau, por quem o Poeta nutria um carinho especial. É uma coleção em aberto, e os bibliófilos encontram aqui uma área de investigação a ser completada com os muitos textos autógrafos a encontrar ainda e que poderão integrar o acervo desta instituição, como elementos do *lugar literário*.

O Poeta foi um cultor da fotografia, enquanto manifestação artística. A publicação, em 1909, do artigo para a *Ilustração Portuguesa*, intitulado “Photographia Moderna”⁵ - dava conta do seu interesse, educado durante 15 anos, sobre a arte fotográfica - acompanhado de *clichés* inéditos, é reveladora deste interesse e transforma-o num dos primeiros pioneiros da fotografia como forma de arte no nosso país. No ano seguinte, projeta organizar uma exposição de “fotografia estética”, de 15 a 30 de maio de 1910 no Salão do jornal “Século”. Este dar a ver em público a própria produção fotográfica demonstra o valor artístico, parte da dimensão estética. Sobre esta faceta, em grande parte desconhecida, já David Mourão-Ferreira chamou a atenção em 1979:

Note-se ainda que nem tudo ficou registado sob a forma do livro ou do opúsculo; e que de certos sectores por que também se distinguiu a actividade de Afonso Lopes Vieira — nomeadamente a fotografia e o cinema — não permaneceu rasto algum na sua bibliografia.

(Mourão-Ferreira, 1979: 107)

A escultura será outra das artes a que dará atenção na decoração da sua casa, aproveitando as suas viagens para adquirir peças que lhe agradem, por se relacionarem com as suas motivações culturais e os seus desejos ou projetos literários. Será o caso das peças evocativas do mundo neoclássico. A coleção da CMALV tem ainda algumas peças provenientes de pedidos expressos do poeta ou da sua mulher, como é o caso do busto, realizado de memória por mestre Joaquim Correia, após o falecimento do escritor (Nobre 2013: CMALV 225), do qual Helena de Aboim

⁴ — A mh^a. biblioteca (q. trouxe p^a. S. Pedro em Maio — 07) *Valmiki* — *Bíblia* — *Homero* — Poemas grêgos — *Esquilo* — Franc. de Assis (de *Sabatier* e de P. *Bazan*) *Ruskin* — *Marco-Aurelio* — Dieu dans l'histoire de *Bunzen* — Monografias sobre: Velasquez, M. Angelo, Praxiteles, A. Durer e Vinci — Irmãos Karamazov de *Dostoievski* — Abbé Mouret de *Zola* — Pages Choiesies de *Anatole France* — Cancioneiro da ilha da Madeira — Drama musical de *Schuré* — A ave e o mar de *Michelet* — Vie des abeilles de *Maeterlinck* — Vie curieuse des Bêtes — Les insectes Savants — Les merveilles de la Vie de *Haeckel* — L'Homme et la Terre de *Elisée Reclus* — História de *Cantu*, Obras de devação de *Gil Vicente* e paginas escolhidas de *Antonio Vieira*. — *Lusiadas* — 6 monografias de história anedoctica — Almanaque Hachette. // Afonso Lopes Vieira (*apud* Nobre 2005 II: 313)

⁵ Vd. *Ilustração Portuguesa*, “Photographia Moderna — com clichés inéditos do auctor”, 1909, pp. 756-60 e “(Post-scriptum)”, p. 792.

se agradou tanto, tendo impedido o mestre de fazer o bronze e conservado a maquete, transformando este exemplar no *unicum* na obra do escultor fora dos registos dos seus catálogos.

Na ausência de documentos fiáveis sobre a proveniência das diversas peças de cerâmica pertencentes ao lugar literário, há uma missiva esclarecedora de um dos modos principais de apetrecho decorativo da casa: a amizade e as aquisições, a apetência social como motivação para o apetrecho decorativo. Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, amigo e companheiro, deverá ter-lhe fornecido alguns objetos decorativos de acordo com o conceito estético partilhado por ambos sobre a vida quotidiana. Numa carta este assunto é referido, resultando dessas tertúlias novas e diferentes maneiras de apetrechar, valorizando os lares do início do século XX⁶.

Tendo Afonso Lopes Vieira, depois da sua morte, continuado a ser uma figura literária de relevo nacional e internacional, apenas com o episódico esquecimento a que foi votado durante a época da revolução de Abril de 74, isso não impediu a comemoração do centenário do seu nascimento (1878), em 1978, com uma medalha comemorativa de Cabral Antunes (Nobre 2013: CMALV 948), onde pode ser reconhecido com o perfil aristocrático que a iconografia tornou conhecido, embora sem o monóculo usado com regularidade.

É interessante uma passagem pelos instrumentos científicos da mais variada ordem que o Poeta possuiu em vida, e de cujas propriedades dependia - gostava de se sentir atualizado com as evoluções colocadas pela ciência à disposição do mais comum dos homens curiosos. Curiosa na categoria dos Vidros é a pouca presença de peças, pois se conhece, através da correspondência com o amigo Artur Lobo de Campos (*apud* Nobre 2001: 36 e 149), a sua aventureira tentativa de uma indústria vidreira, bem como os insistentes pedidos das visitas para que fosse o intermediário na compra de certas peças particulares de vidro.

A profusão de búzios, conchas e fósseis variados sempre foi uma constante nesta Casa – a mesa da varanda (Nobre 2013: CMALV 116) exhibe alguns deles, mas há registos fotográficos de que em tempos grande parte deles estariam no parapeito da varanda (*vide* Nobre 2007: 44 e 52, fot.85) – e o órgão de búzios (Nobre 2013: CMALV 122) dá-lhes uma função inusitada, talvez até única. O espólio documental também nos permite perceber que algumas visitas traziam este tipo de presente ao anfitrião, por isso não é de estranhar a criação de uma nova categoria que permita fazer face ao avultado número de objetos – não encarados cientificamente, mas decorativa ou artisticamente – que pela primeira vez foram numerados, na expectativa da sua preservação e do despoletar o interesse dos estudiosos desta temática específica, as doações de coleções semelhantes, como forma de enriquecer o património.

Lopes Vieira conhecia a teia do esquecimento, e quis limpá-la da biblioteca herdada do tio-avô Rodrigues Cordeiro e da paisagem de S. Pedro de Moel e da sua Casa, partilhando-as com os outros, criando uma obra que atravessasse a poeira do tempo e devolvesse à comunidade o orgulho no património. Após a revolução de 25 de Abril de 74, a Casa sofreu alguma desatenção e acabou por ser fechada ao público por manifesta incapacidade de controlo do recheio e por degradação acentuada do imóvel. Aliás, já entrado o século XXI, a própria Colónia Balnear

⁶ Lisboa 14 Fevereiro 1911 / Meu caro Afonso Lopes Vieira // Aí lhe mando esses insignificantes exemplares da minha faiança popular das Caldas; um paliteiro, um cinzeiro, um centro de conchas Vieira e o tal meu São Francisco que eu fiz em tempos para servir de reclame aos vinhos do Porto Menéres, e de que lhe falei. Como a forma já gasta, já deve estar muito alterada a modelação primitiva. Não olhe V. para a escultura que não presta para nada. Mando-lho apenas como curiosidade e as outras coisas baratas e para V. mandar para sua casa de São Pedro de Muel. / Desculpe a insignificância. Depois lhe mandarei outras coisas. / Abraça-o o seu admirador sincero e amigo mtº grato, // M Gustavo Bordalo Pinheiro // S/C R. do Mundo, 33, 3º. (BML, *Cartas e outros escritos* [...], vol. V, n.º 14)

deixa de receber crianças durante alguns anos, enquanto as obras de restauro não garantem a segurança do local.

Com as obras de restauro e conservação da CMALV concluídas em 2005, estabelece-se um novo marco na história deste património material, pois se inicia um período de abertura ao usufruto cultural de um bem patrimonial que, por razões diversas, tinha estado vedado ao público. As hipóteses múltiplas de participar em e contribuir para um desenvolvimento cultural sustentado da região são facilmente identificáveis e a atração do turismo cultural por este tipo de *lugares literários* tem sido estudada nos últimos anos. Daí que a casa possa ser entendida como um local de *peregrinações literárias*, uma das formas da atual revivificação do património cultural.

Não existem hoje ilusões sobre a impossibilidade de regressar ao *tempo perdido* apenas através da materialidade espacial. No entanto, o conceito de *peregrinações literárias* (Herbert 2001: 312) está em voga, entendido como uma busca de diferentes formas de espiritualidade. O turismo cultural tem canalizado muita da procura para estes novíssimos *santuários literários*, ligados a um escritor e ao ambiente evocativo da sua obra. Os *lugares literários* deixam progressivamente de ser apenas acidentes históricos, lugares do nascimento, da criação artística ou da morte de um escritor, para passarem a construções sociais, criadas, amplificadas e promovidas para atrair visitantes.

A expectativa é a de que o *bem cultural*, no caso em questão, um legado de Lopes Vieira à edilidade da Marinha Grande, se transforme num *capital cultural*, capaz de exercer os papéis de polo cultural da região e libertar meios de financiamento que continuem a permitir a conservação, renovação e vitalidade do património existente. Esta lógica de sustentação e de autofinanciamento é cada vez mais inflexível e arrematadora nas modernas sociedades de consumo cultural. Sem confundir a capitalização cultural de um local deste teor com uma mercantilização abusiva da herança patrimonial, que lesaria simultaneamente a memória do escritor-testamentário e a da população-herdeira – tarefa que deveria ser assegurada por um programa museológico e um grupo ou uma comissão científica, com capacidade e autoridade para propor e promover uma agenda de eventos culturais em relação com os propósitos e objetivos definidores da CMALV e os interesses das diversas comunidades.

Mostram-se algumas dificuldades ao fundar o inventário científico deste núcleo museológico.

Optou-se por uma numeração a cada uma das peças, sequencial a partir da dos únicos objetos (apenas a Cerâmica de Revestimento, i.e., azulejos e cantaria) estudados e devidamente inventariados em 2008/2009, englobando-a nas Categorias – Pintura, Desenho, Têxtil, Mobiliário, Instrumento Musical, Gravura, Espólio Documental, Escultura, Fotografia, Cerâmica de equipamento, Metais, Medalhística, Instrumentos Científicos, Equipamentos e utensílios, Trajes, Brinquedos – definidas criteriosamente pelo IMC. A estas categorias acrescentou-se a de Espólio Malacológico, fundamental neste acervo museológico. A descrição de cada peça segue as orientações dos respetivos catálogos do IMC, e a história/datação da peça inventariada procura reconstituir a informação que se possui até ao momento, estabelecendo as interligações com outros objetos artísticos.

Seguiram-se as diretrizes atuais para a museologia, pois é assim que Hernández, no *Manual de Museología* (Hernández 2001: 160) resume a função da investigação nos museus. Alcançaram-se três objetivos: assegurar uma necessidade interna da CMALV, inscrevendo-a legalmente como património na memória coletiva; alargar o seu acesso e uso ao público; estabelecer sistemas integrados de informação que poderão vir a ser partilhados com outros museus (dependente de uma rede informática de divulgação do IMC). Deu-se um primeiro passo na informatização das coleções, designado como *informática da comunicação*, que pretende revalorizar os fundos dos museus. Além da representação numérica, os fundos deveriam poder

reutilizar-se sob distintos suportes, ou seja, permitir que uma peça seja representada através de imagens, textos ou sons, facilitando o acesso multimédia através da gestão eletrónica das coleções. Só assim poderemos estar a colaborar com uma comunidade e públicos alargados. O quadro que sintetiza todos os estudos feitos é o seguinte:

CATEGORIA	Nº de objetos
01. Pintura	6
02. Desenho	1
03. Têxteis	53
04. Mobiliário	33
05. Instrumentos Musicais	1
06. Gravura	20
07. Espólio Documental	450
08. Fotografia	42
09. Escultura	11
10. Cerâmica (de equipamento)	10
11. Medalhística	1
12. Instrumentos Científicos	5
13. Metais	7
14. Equipamentos e Utensílios	20
15. Vidros	3
16. Traje	2
17. Brinquedos	1
18. Espólio de Malacologia	166

O *LUGAR LITERÁRIO* (2013) é o inventário resultante onde o máximo de informação foi coligida e onde se podem encontrar os levantamentos do muito que ainda está por conhecer.

CONCLUSÕES DA INVESTIGAÇÃO

Além da análise e estudo dos fundos da CMALV, a investigação evidencia a necessidade de outros e futuros projetos que permitam completar, atualizar, interpretar e ampliar o horizonte do acervo e tenham correspondência com os planos nacionais e internacionais de investigação museológica. Pretende-se que a colaboração entre a instituição de ensino superior, o IPL, e a edilidade contribua para alargar o conhecimento patrimonial das comunidades envolventes e abra novas e diferentes vias de organização e divulgação dos bens patrimoniais e culturais.

Hernández (2001: 162) di-lo duma forma contundente, tentando evitar que os únicos projetos de investigação ligados aos museus sejam individuais.

Uma parceria entre a educação local e o lugar literário parece-nos ser o instrumento capaz de contribuir para o desenvolvimento do território, da economia e da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- (2000) *Normas Gerais de Inventário. Artes plásticas e artes decorativas*, texto de Elsa Garrett Pinho e Inês da Cunha Freitas, Direcção de Serviços de Inventário, IPM, Janeiro, 2.^a ed. revista.
- Cartas e outros escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira*, XIV vols., espólio da Biblioteca Municipal de Leiria Dr. Afonso Lopes Vieira [BML].
- Colecção Carlos Vieira 2008, Contrato de doação*, 19 de Julho de 2008, doc. dactilografado dos arquivos da CMM^aG.
- Colecção Carlos Vieira 2010, Contrato de doação*, 7 de Agosto de 2010, doc. dactilografado dos arquivos da CMM^aG.
- HERBERT, David (2001) *Literary Places, Tourism and the heritage experience in Annuals of Tourism Research*, vol. 28, n.º 2, pp. 312-333.
- HÉRNANDEZ, Francisca (2001) *Manual de Museología, Biblioteconomía y Documentación*, Editorial Síntesis, Madrid (2.^a reimpressão).
- MOURÃO-FERREIRA, David (1979) "Dois textos sobre Afonso Lopes Vieira" in *Lâmpadas no escuro — de Herculano a Torga — ensaios*, ed. Arcádia, Lx., pp. 103-38.
- NOBRE, Cristina (1999) "O espírito literário da casa de S. Pedro" in *Actas do III Colóquio sobre a História de Leiria e da sua região*, II vol., 29 e 30 de Novembro de 1996, CMLeia, Leiria, pp. 289-307.
- ____ (2001) edição de: ... *um longo ataque de melancolia mansa... Correspondência de Afonso Lopes Vieira para Artur Lobo de Campos (1909-1945)*, CM. de Leiria, ed. Magno, Leiria.
- ____ (2003) *Passeio sentimental de Afonso Lopes Vieira*, CM de Leiria, CM de M^a Grande, CCRC, col. "Rota dos Escritores do Séc. XX, Coimbra.
- ____ (2004) *Passeio nas terras de Afonso Lopes Vieira*, Roteiro Cultural, Região de Turismo Leiria-Fátima, Leiria, sd. [2004].
- ____ (2005) *Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal*, vol. I e *Inéditos*, vol. II, INCM, Lisboa.
- ____ (2005a) *Casa-Museu Afonso Lopes Vieira. Roteiro da Exposição*, Câmara Municipal da Marinha Grande, Julho.
- ____ (2007) *FOTOBIOGRAFIA Afonso Lopes Vieira. 1878-1946*, Imagens & Letras, Leiria, Dez.
- ____ (2010) "A Casa como Lugar Literário" in *Onde a terra se acaba e o mar começa*. Roteiro Museológico da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira. Lugar Literário, CM-M^aGrande, mais centro-PORC, QREN, EU, ISBN: 978-972-98049-5-3, pp. [3-12].
- ____ (2011) *Afonso Lopes Vieira na correspondência e imprensa da época*, apoio da FCT, ed. Imagens&Letras e IPL, Leiria.
- ____ (2013) *O lugar literário. Inventário do espólio da casa-museu Afonso Lopes Vieira*, ESECS | IPL, Leiria.
- PEREIRA, José Carlos Seabra (2010) *O tempo republicano da literatura portuguesa*, separata de Colóquio/Letras, n.º 175, F. C. Gulbenkian, Lisboa, Set.-Dez.
- RICHARDS, Greg (2001) *The development of Cultural Tourism in Europe*, CAB International 2001. Cultural Attractions and European Tourism.
- ____ (2004) *Nuevos caminos para el turismo cultural?*, Association for Tourism and Leisure Education (ATLAS), Observatório Interarts, Barcelona.